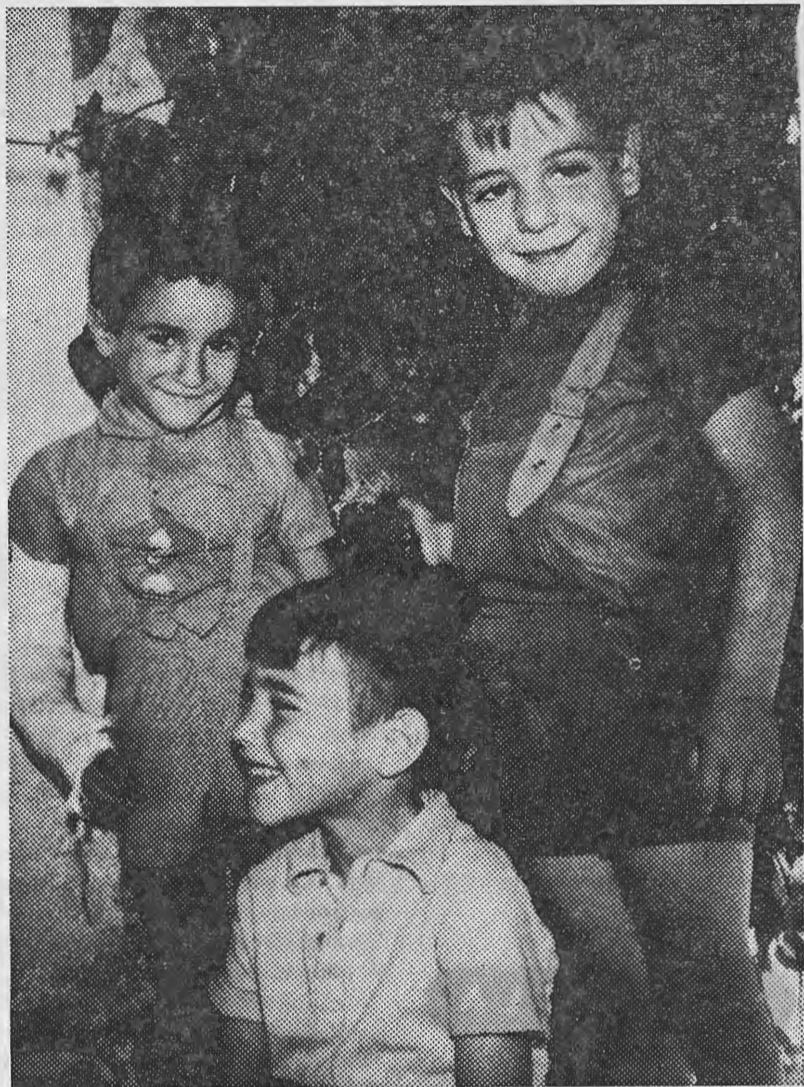




Gaiato

22 DE DEZEMBRO DE 1973
ANO XXX — N.º 777 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



UM OBREIRO DA PAZ

«Quis Deus que recebesse «umas massas» que não esperava; por isso, aqui vão «estas» mais gordas, que são consequência daquelas...»

Que o Senhor vos ilumine e fortaleça por forma a que possais continuar essa cruzada cristã de tão elevado e largo alcance.

Que o Senhor sempre vos acompanhe. Um Santo Natal para todos. Cumprimentos muito afectuosos e gratos. Irmão em Cristo...»

As «massas mais gordas» eram um cheque de 150 deles.

O quê não interessa senão em segundo lugar. O como é que merece o melhor da nossa atenção.

Por acaso conheço este Irmão em Cristo. Ele apresenta-se várias outras vezes, sempre com a requintada delicadeza de quem pede licença para compartilhar. Sempre, ele muito grato. Sempre, cheio de afecto. Sempre, animado de compreensão por esta «cruzada cristã». E, porquê assim, juntando ao que dá a substância da sua Fé na Comunhão dos Santos: «Que o Senhor vos ilumine e fortaleça por forma a que possais continuar...»

Trata-se de um Pai de quatro filhos, modesto de nascimento, sem outra fonte de bens senão o seu trabalho, muito trabalho. Em todo o caso pergunta-se, cada vez que pode progredir no bem-estar, se tem direito... E não avança sem partilhar. É um homem livre. Não se deixou prender nas malhas que oportunidades tecem. Nasceu pobre... Chegou aonde nunca contaria... De modo que todo o extraordinário é um acréscimo que lhe vem de Deus — do que deve dar graças em concreto. Se lhe sobra pouco do necessário, reparte menos. Se acontece vir-lhe à mão «o que não esperava», parte a fatia «mais gorda». O quanto não importa nem o estorva.

Não é costume assim com o comum dos homens: a proporção entre o que dão e o que têm decresce com o aumento dos bens. Afere-se a dádiva em valor absoluto. Não é este o critério do Evangelho. Se fôra, tinha errado o Senhor ao afirmar da Viúva daquele tempo: «Foi a que deu mais.»

Não admira que o comum dos homens não entenda. Naquele tempo também os Discípulos ficaram espantados com a declaração do Mestre. Triste é que vinte séculos depois esta Ciência das Alturas permaneça tão pouco evoluída.

Este homem tem quatro filhos — disse. Só um é já formado e de há pouco. Os prudentes do século — a vulgaridade! — julgariam que lhes não era lícito dispor de tão grande quantia em prejuízo dos seus filhos. Este é dos raros, da geração dos Prudentes, que vêm e agem à luz da Justiça, da Temperança, com Fortaleza — os pontos cardeais do homem orientado por Deus, à imagem de Quem somos. Por isso não é caricatura, mas retrato. Retrato em busca da

Sorrisos de Natal dos nossos «Batatinhas» — Agostinho, Duque e Armelím.

Malanje

Mesmo que quiséssemos não caberia o nosso presépio no muceques. Tudo tão apertado vielas tão estreitas! Não há neve, não há musgo; há calor e chuva; e, nas poças de água barrigas dilatadas de criança chapinam. Menino Jesus lá se arranjaria, que há muito a vender de caco barato. Mas pô-lo onde? De lado, nalgum beco como O encontrei há meses quando fui pelo nosso Daniel?..

E se eu levar o Daniel a fazer de Menino Jesus?... Talvez num quatinho de família cristã e santa, que há muita Mas... não aceitariam. Não é rechonchudo, bonito e rico. Não posso também pôr lá um leproso um paralítico, um anão. Mesmo que eu diga: «É o Senhor» — não acreditarão.

O Natal de hoje tem que meter árvore que tape um pouco ou totalmente o presépio. Tem que meter garrafão e farras para esquecer...

Esquecer o quê?

Não sei bem o que podemos esquecer...

Que há meninos que terão muitos brinquedos e tão caros? Que outros nem terão um barquinho de plástico?

Que o desnível social entre filhos de Deus é de milhas e milhas?

Que uns terão iguarias requintadas e outros mastigarão lentamente, as velhas batatas ou a fuba?

Padre Acílio

Cont. na TERCEIRA página

Cont. na TERCEIRA página



SETUBAL

Custa-me tanto ter de escrever! Gostaria antes de gostar de escrever. Os meus padres insistem na minha presença escrita no «Famoso». Será cansaço? Ter-me-ei deixado absorver pelo resto da vida?

«Não vos canseis de fazer o bem» — diz o Apóstolo. «E não só de o fazer como de o pregar.»

O Natal está aí à porta. O problema dos homens salta-nos logo à vista quando se fala em Natal. Sobretudo o problema dos carenciados. E todos nós somos carenciados. Nem todos julgam ser. Para estes não há Natal; pois não há salvação. «Eu não vim por causa dos justos, mas dos pecadores.»

As festas estão a romper por todos os lados. Festas nas empresas, nos grupos recreativos, políticos e religiosos. O Natal passou a ser o período do ano em que alguns homens dão alguma coisa a outros. Na sua maioria estas festas perderam todo o sentido cristão.

Natal é aurora de justiça, de paz, de amor. Vejo hoje o inverso do que aconteceu no 3.º século da nossa era quando o imperador romano se converteu. Naquele tempo os cristãos baptizaram as festas pagãs. Hoje os pagãos adoptam as festas cristãs.

Numa empresa, onde os lucros são repartidos, as responsabilidades compartilhadas, o trabalho distribuído, as alegrias partilhadas, os reveses assumidos — pode fazer-se uma festa de Natal. Nas outras não. A festa é uma farsa.

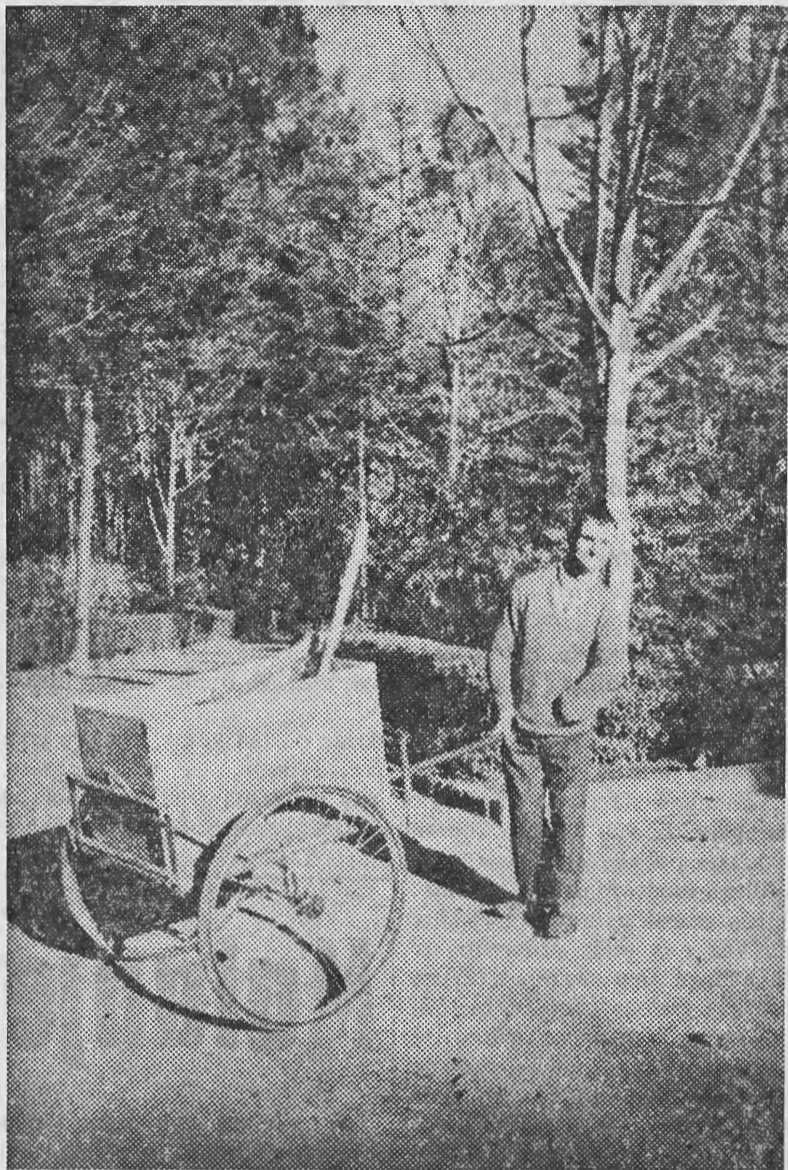
Nos grupos onde o domínio dos maiores é lei, onde a liberdade de muitos é riscada, a participação quase nula — que sentido terá uma festa de Natal?

Creio que determinadas personalidades deveriam corar na inauguração de festas e bodos de Natal. Que se lhes dê outro nome, se o reinado da Justiça é palavra vã.

O Natal é festa dos Pobres. Que os homens bons venham em nosso auxílio. Os que têm fome de Justiça. Os que na sua vida não exploram o seu semelhante. Os que se esforçam na humildade da sua pequenez por crescer na Vida e para a Vida.

E se algum Zaquie resolver dar aos Pobres metade dos seus bens e restituir o quádruplo do que roubou, teremos alegria profunda em partilhar com ele o seu Natal.

PELAS CASAS DO GAIATO



O Edmaro — outro valor condenado a morte lenta e dolorosa, se não fosse o Calvário...

CALVÁRIO

UMA HISTÓRIA — Está connosco há 10 anos e acamado há 26 anos. Não pode sentar-se, nem mover-se no seu leito livremente. Ele vai contar aos nossos leitores, por palavras suas, o que foi a sua vida antes e depois de vir para o Calvário. Haverá muitas vidas assim? É possível. Mas decerto condenadas ao esquecimento por muitos homens...

«Amigos leitores: O meu nome não interessa. Digo-vos que sou natural de Santa Cruz — Armamar, distrito de Viseu.

Os meus pais eram solteiros. Ele, natural da minha terra; a minha mãe, não. Foi para lá trabalhar como servicial. Conheceram-se e depois... vim eu ao mundo. A seguir veio outro irmão. Muito teria a acrescentar! Creio, no entanto, que situações destas existem por muitos lados. Ora, esta situação que me criaram, teve uma solução. Fui viver com uns tios, na idade de 13 meses. Foi nessa altura que comeci a ter pais, verdadeiramente. Assim fui crescendo num meio pobre; mas sempre íamos vivendo...

No meio de tudo eu era muito amigo da paródia. Às vezes, noites inteiras! Embora tivesse de me levantar bastante cedo todos os dias, para ir trabalhar no campo. Um trabalho que era de sol a sol. E quantas vezes sem alimentação de jeito! Teria começado aí a minha incapacidade? Não sei. Sei que me apareciam de vez em quando umas dores, embora passageiras, nas pernas. Ao chegar aos 23 anos então é que foi!

Todo o meu corpo atacado por dores violentas. Andei de hospital para termas durante uns 4 anos. Mas tudo em vão. Parece que, em vez de aliviarem, os tratamentos me punham pior... Seria Deus a querer que o meu viver fôsse para Ele, desviando-me do meio em que vivia?! O meu corpo ficou a pouco e pouco transformado, ou melhor, reduzido. De tal sorte que, enquanto pude andar, era bastante alto; rondaria o metro e setenta e cinco. Hoje, segundo me dizem, terei pouco mais de um metro. Não estou sem pernas, mas por se irem contraindo aos poucos, devido às dores que sentia. Já estive muito pior antes de vir para o Calvário. Como isso não bastasse, as minhas mãos também se deformaram. Quando as mexem, parecem não ter ossos. Os meus dentes não mastigam os alimentos, em consequência dos maxilares se terem cerrado. Hoje, já consigo receber alimentos embora «passados». Um dente cedeu e deixou uma abertura. Antes disso, eram apenas líquidos. Se assim não fôsse, e Deus quisesse

que continuasse vivo, ainda teria de ser hoje assim.

Retomando a minha história devo dizer-vos que passei muito. Não por me faltar o carinho dos que foram verdadeiramente meus pais, como já vos disse, mas pelas suas vidas afadigadas. E, depois, a minha tia — digo, com toda a gratidão, a minha verdadeira Mãe — faleceu, pelo desgosto e pela velhice. Ficou o meu tio. Cego e sem forças, para me fazer o que fôsse preciso, eu estava dias inteiros à espera de quem aparecesse em minha casa. Uma casa velha, onde ocupava um quarto apenas com um postigo, além da porta, para entrar o ar. Aí recebia muitas visitas de ratos e enormes ratazanas em busca de restos de boroa. Nunca me dei mal com eles!... Como a situação se fôsse agravando, um sacerdote que tinha freguesia perto foi alertado por pessoas que me iam ajudando como e quando podiam. E como ele sabia da existência do Calvário vim para aqui em Agosto de 1963 — no dia em que um dos rapazes, criado na Casa do Gaiato, se casava. Não mais esqueci o dia 23 desse mês e ano! E aqui estou! Aonde me tenho sentido feliz, apesar do meu mal. E outros o podiam ser igualmente — se considerassem o Calvário como a sua própria casa e os seus irmãos doentes como autênticos irmãos; portanto, a sua própria família. Sinto-me feliz por isso e não me tenho arrependido. Quero tanto aos meus irmãos do Calvário que já tem havido mortes físicas de alguns, meus companheiros, considerando-os como autênticos irmãos de sangue.

Se não viesse para o Calvário a minha história poderia ter sido outra, até hoje. Tenho 50 anos. E não teria sido tão longa a minha permanência numa cama, aonde necessito que me ajudem em tudo. Estou assim há 26 anos! Seria outra a minha história... Nem tudo vos pude contar. E compreende-se porquê. O que peço aos nossos leitores é que, viva eu muitos anos, de maneira nenhuma me considerem um «coitadinho», mas um privilegiado de Deus — apesar da minha indignidade!!»

Que o mundo ouça e não faça ouvidos de mercador!

Manuel Simões

Paço de Sousa

SAUDAÇÃO — Olá Amigos! Estão bons? Nós, assim assim... O que nos custa mais um pouco é aguentar este frio irresistível, que torna a vida muito mais difícil — pela falta de combustíveis líquidos... Não acham? Mas deixem lá; não faz mal; com um sorriso nos lábios tudo se faz de boa vontade.

OBRAS — As obras em nossa Aldeia vão indo lentamente. Mas daqui por algum tempo teremos uma nova garagem. Quanto à casa-mãe, ainda há muito que fazer! No entanto, já está montado o reservatório de gás para a cozinha. Quem nos dera ver a cozinha pronta! Além

do mais, para este sector fundamental ser mais higiénico.

LAVOURA — Os nossos agricultores procedem, agora, à sementeira do centeio. E à poda das vinhas. Este ano, graças a Deus, tivemos uma farta vindima. E muita fruta.

EDUCAÇÃO FÍSICA — Praticamos ginástica todas as quartas-feiras de manhã, sob a orientação de um professor que tem um alegre coração e que dá um certo á-vontade na aplicação correcta e obediente do que nos impõe.

NATAL — *Mi vem!* O que mais espera de nós — diria: exige — não são presentes, mas Amizade de uns para com os outros. Isto é que é o Natal! Como é tão bom e bonito sermos todos amigos! Não acham?

Natal de todos nós
Nome tão puro como o Amor.
Não tem um pouco de coração
quem não souber dar-lhe valor.

DESPEDIDA — E pronto, meus amigos. Por hoje é tudo. Agora, só me resta despedir. Custa-me. Mas que havemos de fazer? Alto! Estamos longe em distância, mas muito perto uns dos outros — espiritualmente...

Manuel Amândio

BENGUELA

QUEM TEM NATAL EM 1973?

Como vemos, à medida que as horas vão passando, consequentemente dão origem aos dias que, somados 365 vezes, dão origem ao ano. Começando um novo ano, é também uma nova vida que se começa, uma nova moda, e cada dia é para todos nós uma nova vida a florir. Ainda há bem pouco tempo festejámos o Natal, dia esse que ficou radicado no íntimo de todos nós, não só pela maneira como o passámos, sim como o vivemos com simplicidade.

O que é então o Natal?

O Natal é um tempo de paz, de amor, tempo de alegria para sorrir. Mas será este o seu significado para nós?

Sim, será, na medida em que todos nós, ricos e pobres, tentamos festejá-lo, não se contentando com o bom, mas querendo fazê-lo, na medida do possível, melhor.

Enquanto que os de grandes possibilidades fazem os seus preparativos quase nas vésperas do dia festivo, os mais pobres já alguns meses antes, se não mesmo quando colocaram um ponto final no ano anterior, vêm pensando nas suas economias para nos festejos do ano seguinte poderem também viver e comemorar um Natal imensamente feliz, em companhia de sua família e entes queridos, na verdadeira acepção da palavra Natal.

À margem desta confraternização das famílias, quer pobres, quer ricos, em quem podemos observar como características comuns a paz, o amor

e a alegria, a quem se destina especificamente o Natal, aquele Natal com a sua Ceia típica, a árvore do Natal e o Presépio, em que as crianças vêem a concretização dos seus sonhos?

Sim! Com o aumento desenfreado do custo de vida que se observa dia após dia, o Natal não só sentido espiritualmente mas também com alguns indícios materiais, destina-se quase exclusivamente aos ricos.

Senão vejamos: umas nozes com casca a 90\$00 o quilo, um bacalhau com mais espinhas que outra coisa e para quem quiser e o puder arranjar a 95\$00, não serão certamente para uma ceia daqueles que vivem na pobreza.

Tendo em conta tudo o que anteriormente foi focado, e ainda a escassez de determinados géneros alimentícios de primeira necessidade, que mais queremos para concluir o quanto é difícil comer para viver! Será que em tempos vindouros, o Homem terá que regressar de novo ao primitivo, utilizando a sua carne como próprio alimento?

Ora bem; falámos acerca das dificuldades que se deparam presentemente para um Natal vivido cristãmente e com todo o seu significado. Tendo agora em consideração os brinquedos, que por mais simples que sejam, são sempre uma alegria para as crianças, podemos verificar que por mais insignificantes que estes sejam o seu custo ultrapassa sempre a primeira dezena de escudos.

Assim, reflectindo nestes pontos elucidados, já não me é estranho ouvir alguns e não poucos dos nossos irmãos lamentar-se:

«Como pode este ano para nós haver Natal?»

José Manuel Aleixo

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

NATAL — O vicentino não cabia em si de contente! Era portador de uma significativa mensagem de Natal — de Liberdade ou, como agora se diz, de promoção humana e espiritual. Perdemos-nos no emaranhado de *lugares-comuns!*...

Invocámos o Pai do Céu. E escutámos a Palavra do Senhor; testemunhada, depois, pelo recoveiro dos Pobres:

— Formidável! F. e a mulher (cujas dificuldades resumimos na edição anterior) estão, agora, radiantes...

— Porquê?! Olhámo-nos de espanto, naturalmente

— Isto de hivermos conseguido fornecedor que enchea o cabaz de mercadoria, pra mulher dar a volta, surtiu efeito imediato (nós somos fiadores, outra vez...). Diariamente, ganha dezenas de escudos pra manter o barco, por suas mãos. Escusa mesmo de ir almoçar a casa; algumas freguesas partilham a sopa com ela — pra não perder tempo!...



E continua:

— A Caixa já deu resposta: subsídio de doença e abono de família! Resultado: hoje, ele e ela tiveram a delicadeza de me informar que dispensam a nossa ajuda de pão e outras coisas mais. Só a renda de casa e o quartilho e meio de leite é que não... para já.

O recoveiro dos Pobres entusiasma-se. Palavras e gestos, olhos e mãos, exteriorizam a formalha ardente de sua alma, tocada pelo grito de liberdade destes Pobres. E remata:

— Conversámos em volta da lareira. Era muito frio. Mas estava-se lá tão bem! Foi uma lição... «Dantes (quando o álcool chispava no estômago do homem...), esclareceu a mulher, não podia ter dinheiro em casa; mas, agora, mudou. Guarda o dinheiro e colabora na vida doméstica, enquanto dou a volta»: prepara o caldo, trata dos filhos... Um «alcoólico», santo Deus!

Ainda disse mais: «É melhor a gente procurar juntar algum, pouco; amanhã podem vir dias piores... A intuição dos Pobres! Sim; quem deseja ser miserável, subjugado pela Miséria?!

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

CATEQUESE — De há anos vem-se tentando organizar um modo de dar Catequese a todos os rapazes cá em Casa. Durante dois anos tivemos rapazes que haviam tirado o curso de catequistas e que aguentaram durante todo o tempo as alterações de que eram alvo os horários ou grupos e deram aos nossos rapazes um pouco de orientação e instrução espiritual. Mas há dificuldade para, sem quebrar o ritmo e modo de vida dos rapazes, se conseguir fazer prevalecer os planos concebidos. Exceptuando estes dois anos, temos-nos limitado à Catequese nas férias e quase em exclusivo para os mais pequeninos. Outrora ter-se-ia dito que bastava; hoje não. Todos sabemos que não só enquanto miúdos temos necessidade dos ensinamentos que visam a promoção espiritual, mas que sendo gnáidos mais necessidade há que no-los recordem, pois se apresentam mais claros e com coisas novas que um dia nos passaram despercebidas quando as decorámos ou ouvimos.

Uma das dificuldades que em primeiro se deparava era a organização dos grupos. Numa Casa com mais de uma centena de rapazes de todas as idades e mentalidades, torna-se difícil conseguir um grupo mais ou menos homogénio e que assimile de igual modo o que se ensina, pois não podemos, devido à quantidade de rapazes e escassez de tempo, debruçarmo-nos mais sobre uns que outros. Quando se expunha que determinado grupo reunia estes requisitos, mais tarde chegava-se à conclusão que assim não era e tornavam-se necessárias modificações. Outra dificuldade era a natural quebra da vida com as diferentes partes do ano. Se hoje, porque estávamos em férias, era fácil fazer prevalecer um horário, este era modificado amanhã porque começa um novo ano escolar. Uns vão para a Escola Primária, outros Telescola, outros Coimbra; uns que não têm aulas de manhã e que podiam aguentar o horário com pequenas

Um Obreiro da Paz

Cont. da PRIMEIRA página

definição dos traços do Modelo. Imagem que O não desfigura; antes O sugere presente à vida dos homens. É um obreiro da Paz.

Eu já o conhecia. Agora tive a experiência do grupo familiar. Pareceu-me que condiziam. Felizes! Aqueles Pais — bênção dos seus Filhos! Aqueles Filhos — bênção dos seus Pais!

Que o Natal nos não trouxesse outro testemunho...! Cristo nasceu e está no meio de nós!

MALANJE

Cont. da PRIMEIRA página

Que, em Luanda, uma mãe, abandonada pelo marido, com seis filhos, vive num quartinho e passa fome? O mais pequenino se chama Rui. Vou trazê-lo antes do Natal e será ele o nosso Menino Jesus.

● Se tens em casa um par de sapatos que já não uses, manda para a nossa Casa neste Natal. É uma preocupação trazer os pequenos calçados... mas tão caros! Por isso venho. Desde o número vinte ao número quarenta e três — pezinhos com fatura, graças a Deus! Também roupas.

Padre Telmo

alterações, têm que fazer as tarefas necessárias que a Casa impõe e são inalienáveis; outros, que de tarde era a vez de não terem aulas, têm que continuar nas ditas tarefas. Passando tudo isto se se conseguir que prevaleça um grupo, mesmo só dos mais pequeninos e reduzido, depois de amanhã vêm os ensaios para as festas e são estes que mais tempo gastam nessa actividade. Por fim esquece-se o papel do horário e este desaparece pondo fim provisório à nossa instrução espiritual. No ano seguinte tenta-se outra vez.

E por sermos perseverantes é que talvez, este ano tenhamos bem e sólidamente organizada a Catequese. Ainda não é para todos; é só para os da 1.ª e 2.ª classes. Mas se nestes se mantiver sólida, talvez os outros ainda venham a tê-la também. Tivemos que recorrer à ajuda exterior, pois presentemente são poucos os que têm o curso de catequistas cá em Casa e estes estão muito ocupados. Pedimos a uma senhora das que vêm remendar a nossa roupa, que tem preparação fora do vulgar no assunto, se podia vir também catequizar os nossos. Vem duas vezes por semana; é bom, mas só para os mais pequenos. Os outros, uns estudam e têm aulas de Religião e Moral, tanto na Escola como nos estabelecimentos que frequentam; os outros têm os ensinamentos que a vida e a Natureza dia a dia lhes proporciona e a esperança de terem também a Catequese organizada. Será ainda este ano? Talvez para o próximo.

Lita

A NOSSA EDITORIAL

● CONTAS

Uma pequena parte dos nossos Amigos reserva o fim do ano para acerto de contas com a nossa Editorial. Sim, porque a vida custa muito, a muitos deles!

Outros, porém — e são tantos! — esquecem o seu compromisso. Hoje, por casualidade, dedicámos uns minutos ao ficheiro da Editorial, para conseguirmos uma estatística, empírica, da situação de cada um. Chegámos a esta conclusão: em cada 100 há 60 que sim e 40 que ainda se não lembraram duma retribuição!

A referida percentagem, em relação ao nosso Jornal, também não pecará demasiado por defeito.

Por falta de gente capaz, custa-nos muito alertar cada um — via postal. Este modo, por vezes, atendendo à extensão da nossa Obra, implica desfazamentos que colidem com os ficheiros gerais, de Paço de Sousa; ainda que no texto dos referidos postais, como é óbvio, procuremos indulgência e/ou ser indulgentes.

Enfim, vamos pôr as contas em ordem? Assim, caláramos o nosso «Eusébio»: — «Eh! tanta gente em off-side!» E teríamos o gosto de admirar um sorriso peculiar, em que a alvura dos seus dentes retrata a perfeição da negritude da cara.

● LIVRO «VIAGENS»

A procissão de pedidos deste livro de Pai Américo — 2.ª edição (reordenada e aumentada) — está longe de diminuir! Até na banca dos nossos cicerones domingueiros: — «No domingo anterior despachámos muitos «Viagens», diz o Seixas.

Pela correspondência, deliciamo-nos com o interesse dos nossos leitores. Presenças muito significativas! Como esta, de Negage (Angola):

«Pelo que li no «Famoso» já fizeram a distribuição do «Viagens» pelos antigos assinantes da Editorial.

Ora eu não recebi e nem

RETALHOS DE VIDA



O «Salazar»

Sou natural do Porto, linda cidade de Portugal, onde residi até aos 3 anos.

Como minha Mãe faleceu com cerca de 42 anos, meu Pai mexeu-se a arranjar casa para mim. Conseguiu, por fim, uma em Braga, onde fiquei até aos 7 anos.

Durante esse tempo não tive queixas dessa Casa. Era muito agradável. Tínhamos tudo quanto queríamos. Mas não me sentia bem porque era muito pequena; levava à volta de 50 crianças.

Minha Mãe faleceu vítima da explosão duma botija de gás, quando cozinhava. Foi uma morte tão rápida que nem sequer tive tempo de lhe dizer adeus!

Tenho cinco irmãos e duas irmãs. Um deles encontra-se em França. Outros andam a tentar organizar a sua vida o melhor possível. Os mais pequenos estão em casa a fazer alguma coisa, o que for preciso. E as raparigas trabalham. Uma, numa alfaiataria; outra, numa casa comercial.

Meu Pai era muito mau antes da minha Mãe morrer. Agora, casou com outra mulher; e esta desgraçada vai pelo mesmo caminho.

Depois de quatro anos em Braga resolveram transferir-me para a Casa do Gaiato, em Paço de Sousa. Quando entrei em nossa Aldeia achei tudo muito bonito. Mas também chorei por ganhar muitas amizades durante a minha estadia em Braga.

Aqui, meteram-me a trabalhar no grupo dos «Batatas»; mas como não estava habituado, só sabia fazer sorna.

Dois anos depois entrei no grupo da lenha. A seguir, na limpeza das casas. Entretanto, frequentei a Escola Primária, da 1.ª à 4.ª classe. Fiz exame, este ano. Prova maravilhosa. Não contava! Agora, com toda a minha cabeça, vou tentar fazer o Ciclo Preparatório da Telescola. Depois, quero continuar a estudar.

Vou terminar. E dizer que resolvi escrever os «Retalhos de vida» por ser a crónica mais querida dos nossos leitores. Eu sei que sim!

Joaquim de Jesus Correia («Salazar»)

sequer pensar em ficar sem o livro. Por isso, façam lá o especial «obstáculo» de mo enviar.

Se não houver inconveniente a minha retribuição será feita à nossa Casa do Gaiato de Malanje. Não levem a mal, mas eu «virei a casaca». Agora pertenço ao vosso grupo de Malanje, porque sempre fica mais perto...

E muito bem! No entanto, esperamos que, de Malanje, não se esqueçam de dar notícias, na altura própria, para termos sempre a nossa contabilidade em ordem.

Agora, a palavra vai para Lisboa:

«Se possível, agradecia mais dois exemplares do «Viagens» nos quais faço grande empenho.

(...) Eu espero que haverá um ressurgimento da Fé e um apreço maior à Obra da Rua, na leitura desse livro.

(...) O meu entusiasmo e doutras pessoas (com grande cultura) pela maneira de escrever do Padre Américo, leva-me a pedir mais estes dois...

● OUTRAS OBRAS DE PAI AMÉRICO

Nem só o «Viagens» continua na ordem do dia! Mas todas as obras de Pai Américo. Ouçam Lisboa, novamente:

«Na devida altura recebi o 2.º volume da colecção «Isto é a Casa do Gaiato», que muito apreciei, e que li com a maior ternura.

E como me ficou a boca muito doce, vou iniciar outra colecção, pedindo-lhes que me enviem o 2.º volume do «Pão dos Pobres», já que o primeiro está esgotado...

Finalmente, tem a palavra a assinante 10339, de Mora:

«Há dias, remeti um vale do correio 100\$00 pelo livro «Viagens», que me serve de alento nas horas tristes, por nele descortinar tão bons ensinamentos e confiança na Misericórdia do Senhor.

Como já possuo outros mais, agradecia que me mandassem «Obra da Rua» e «Pão dos Pobres».

Conheci, há anos, em Vila Nova do Ceira, o Pai Américo, que me levou a assistir a uma refeição dos seus Gaiatos. E nunca posso esquecer a sua frase: «Veja como eles comem!».

Júlio Mendes





CASA DO GAIATO
DE BENGUELA:

Hora de recreio
dos estudantes.

Quadros da nossa vida — 3 de Dezembro. São 8 horas da manhã, de uma manhã de sol, sem nuvens, como acontece de vez em quando, no verão africano, desta zona do litoral.

Acabei, há momentos, de celebrar a Eucaristia e sigo apressadamente a tomar o pequeno-almoço (nestas terras mata-bicho). Passo em frente da casa cor de rosa, por ser a dos mais pequenos, agora implantada no meio de jardins, projectados pelo nosso arquitecto «Goliath», aluno brilhante do 5.º ano do Liceu. Chamo-lhe «arquitecto» pois é seu desejo frequentar, depois, o curso de Belas Artes. Vamos ver! O «Ferro», o «Barcelos», o «Antoninho» e o Oliveira cortam a relva e podam as sebes. São estudantes do Ciclo e da Escola Técnica. Os momentos livres do estudo são ocupados nestes e outros trabalhos da Casa. O ar livre, a natureza são elementos que ajudam a sua formação. Daí o cuidado pelos jardins, pela relva, pela ocupação dos tempos livres. Estão no que é seu; trabalham no que é seu; esquecem a barraca e a rua; fazem-se gente. A alegria de os ver no seu lugar, entregues à sua tarefa, sem olhos estranhos a vigiá-los, enche-nos a alma. E a sociedade fica mais rica.

Sigo o meu caminho gozando interiormente a beleza

deste quadro. São momentos compensadores e alívio para o nosso peso.

● É Natal. No momento em que redijo estas notas ainda faltam duas semanas. Quando os olhos dos leitores poisarem sobre elas, nesta zona do litoral africano, já passou o Natal. Que tristeza que o Natal passe! Deveria ser sempre Natal! O mistério do Natal não foi de um momento, nem para um momento apenas. O mistério do Natal é para sempre, enquanto o homem for homem. O filho de Deus encarnou de uma vez para sempre. A Encarnação é de todos os dias; continua na humanidade. O mistério da Encarnação é mistério de Deus que Se faz homem para que o homem comece a ser Deus. É o círculo da Trindade que Se abre para que o homem, todo o homem, seja reintegrado na Vida de Amor, que é a Vida da Trindade. Quando a vida do homem for Vida em Amor realiza-se nele o mistério do Natal.

Há ainda multidões que vivem fora da Vida em Amor. Aos crentes, aos que acreditam e aceitam o dom do Natal, impende a obrigação de comunicar esse dom pelo testemunho da sua vida em Amor.

● Entrei em Casa da Maria que não vinha ao trabalho há muitos dias. É uma rapariga nativa, já maior. A sanzala onde vive com a mãe, já velha, fica defronte da nossa Casa.

Fiquei a saber que não veio trabalhar porque teve um bebé. E mostrou-mo em seus braços de mãe, sem preparação alguma para ser mãe. É também uma menina. Nasceu numa barraca, por onde entram os bichos, o frio e o sol e a chuva. Não vi um berço nem paninhos limpos para lhe envolver o corpo. Vi uma cuba-

ta muito pequena, esburacada, de chão nu. Vi carência de tudo. Vi miséria, só miséria. Não ouvi lamentos, queixumes. Para Maria aquelas condições pareciam normais. Nem sequer tinha leite suficiente para dar à sua filha.

Falei-lhe na maternidade e que era lá que sua filha devia nascer. «Esqueci-me», respondeu-me com ar muito sereno. Ali mesmo e durante a viagem de regresso, depois de combinar com ela um programa a seguir, pensei que se fosse assistente social, enfermeira ou funcionária dos Serviços de Saúde havia de reservar alguns momentos do meu dia; havia de pedir aos meus superiores para sair à rua, à sanzala, ao encontro destas mulheres e levá-las à maternidade a ter os seus filhos e acompanhá-las enquanto fosse possível. Havia de dizer aos meus superiores que não se pode esperar que elas vão, porque «se esquecem», porque a miséria dominou-as como tirano implacável. Havia, como mulher, de fazer tudo, tudo o que as minhas forças pudessem para as ajudar a sair do poço da morte em que se encontram mais seus filhos e trazê-las para a vida.

Maria prometeu ir ao Dispensário de Puericultura com a sua menina a pedir leite e receber um pouco de carinho de outras mulheres como ela, mas muito mais felizes porque não nasceram numa cubata e têm berço e panos limpos para envolver seus filhos quando eles nascem.

Não ficarei surpreendido se, daqui a pouco tempo, a Maria vier a nossa Casa pedir uma requisição para levantar um caixão no cangalheiro, que servirá de berço à sua menina depois de morta, já que não o teve para lhe dar quando veio à luz da vida.

Padre Manuel António

Aqui Lisboa

Quando este número de «O Gaiato» estiver na rua teremos o Natal à porta. Se não fôra termos fé em Deus e acreditarmos que os Homens, se quiserem, podem viver como Irmãos, quase consideraríamos como gasta aquela expressão e causa de mau estar as palavras que a seu propósito se repetem. Na verdade, falar em tempo de paz, de boa vontade e de compreensão é muito bonito mas de nada valerá se não nos propusermos viver sempre, ao longo de toda a existência, a Mensagem que a Encarnação do Verbo comporta, numa linha de coerência e de verdade que deve presidir a todos os nossos actos. O Natal será alienação se não for visto a esta luz, por jovens e adultos, homens e mulheres, pobres e ricos; o Natal deverá ter 365 (ou 366) dias no ano, sem hiatos ou descontinuidades.

Neste cantinho em que nos situamos, vamos procurando viver o Natal a todas as horas, com fraquezas e misérias, é certo, mas com muita Fé, todo o amor possível e na Esperança de melhores dias para o Mundo. O bafo do Presépio abençoe sempre os nossos trabalhos e nos dê o sentido

de Deus e dos Homens. Não queríamos, porém, e por isso, deixar no olvido todos aqueles que sofrem ou passam privações de qualquer espécie, fazendo nossas as suas preocupações e dificuldades, num complexo fraternal que a todos envolva. Esfomeados do corpo e da alma, crianças abandonadas ou sem ninguém, doentes ou prostrados, os sem abrigo ou sem o calor dos outros homens, as vítimas da injustiça ou do esquecimento, os velhos e os angustiados, os presos e os aflitos, os ignorantes e os deprimidos, todos cabem no nosso espírito. Para eles os votos profundos de melhores horas e que possa surgir o dia dum Mundo mais justo e mais humano, todo Natal.

Para os nossos Amigos vai uma palavra final, seja qual for a sua ideologia ou posição doutrinária. A Mensagem do Natal nunca fez mal a ninguém. Dela vive a Obra que é de todos nós. Sejamos mais Homens, mais comprometidos e mais justos, que o Menino nascido há 2.000 anos será, mesmo que o não pensemos, o Deus conosco!

Padre Luiz

Tribuna de Coimbra

Manhã de domingo. Estive em casa. Grande parte dos domingos ando a mendigar de igreja em igreja. Depois da Missa e do café fui para o escritório. E nestes dias que temos uns momentos mais livres e podemos arrumar alguma coisa.

Alguns dos nossos tiveram visitas. Dei uma olhadela para o nosso largo interior. Um espectáculo. Espectáculo que me feriu a alma. Que me fere sempre a alma. Ai de mim se perdesse a sensibilidade.

Estava o pai de três filhos que temos. Fruto não sei de quê, este homem tem passado uma vida de martírio: penitenciária, cadeia, hospital, manicómio. Vive não sei com quem, nem como. A mulher do mesmo modo. Em vez de amor há ódio. O Tribunal de Menores deu-nos os filhos. Tanto um como outro vêm muitas vezes e trazem mimos. Os filhos são esquivos. Têm gravadas as cenas que viveram. Tenho uma atenção especial por este pai que, por

vezes parecendo uma fera, tem um coração de carne. Alguma coisa lhe faltou na vida.

A um canto estavam a avó e uma prima de dois que recebemos há pouco. O Tribunal já nos deu a sua tutela. Esta avó ficou com os cinco netinhos; o mais velho tem dez anos. A mãe foi a primeira a abandonar. Deixou tudo e todos e partiu. Ninguém sabe seu paradeiro. O pai emigrou. Durante algum tempo escreveu e mandou dinheiro. Já há muito que não dá notícias. Mudou de rumo e de vida. Esta pobre avó alimenta os netinhos com beijos. Bendita ela seja.

Escada acima subiu a mãe dos dois mais pequeninos que temos. Teve três em três anos. O homem com quem vivia era desertor à tropa. Desapareceu e ela veio ver os filhos e trazer-nos bolos e mimos do seu casamento com outro homem. Este homem veio também. Novo e muito doente — doença desconhecida — tem modos de muita bondade. Os meninos já o conheciam e fizeram-lhe festa. Deus os abençoe e faça felizes.

O resto daquele dia foram os quadros da manhã. Pobres pais! Pobres filhos! Pobre sociedade que se acomoda! Pobres de nós se não temos amor! Felizes quando lhes pegarmos com alma. Todos os dias têm de ser dias de Natal. Feliz Natal!

Padre Horácio

TRANSPORTADO NOS AVIOES

DA T. A. P. PARA ANGOLA E

MOÇAMBIQUE

